

# **Sobre A Guerra Civil na França**

**e sobre**

## **O Estado e a Revolução**

René Berthier

*O Estado e a Revolução* desempenham na mitologia leniniana o mesmo papel que a *Guerra Civil na França* de Marx. É um destino curioso que Marx, tal como Lenin, confrontado com uma revolução, tenha sido obrigado a fazer uma caricatura do seu pensamento para ir (temporariamente é verdade) no sentido da história...

**Excerto de um debate publicado sobre o “Forum Anarchiste” da Federação anarquista francófona, 2011-2012...**

**3 de Março de 2011**

<http://forum.anarchiste.free.fr/viewtopic.php?f=6&t=6317&st=0&sk=t&sd=a&start=20>

Gostaria de recordar que o texto que deu origem a este debate foi escrito no final dos anos 80... Temos de ter isso em mente. Naquela época havia um medo real da recuperação dos temas anarquistas pelos marxistas – uma recuperação que é uma constante no marxismo, pois começou com o próprio Marx quando ele escreveu o seu livro sobre a Comuna, *A Guerra Civil na França*. O livro de Lenin, *O Estado e a Revolução*, é também uma espécie de recuperação do anarquismo. Se esta recuperação, que tínhamos no final dos anos oitenta, não assumiu a escala que tínhamos, foi no entanto real, e continua até hoje e não deve ser negligenciada.

Além disso, a questão do marxismo libertário não é a parte mais interessante do meu texto, penso eu.

(...)

O que quero dizer com “recuperação” de temas libertários é que Marx, por oportunismo, apresenta como suas ideias que não são absolutamente suas. .

Os marxistas fazem-no regularmente e depois seleccionam as obras de Marx para justificar as suas posições. A Comuna de Paris representa a aplicação de princípios – especialmente o federalismo – que são totalmente estranhos a tudo o que Marx possa ter dito antes, e a tudo o que ele dirá depois: Marx odiava o federalismo. Foi até um insulto para ele. No entanto, o seu discurso sobre a *Guerra Civil na França* é uma obra em que Marx assume as posições federalistas da Comuna de Paris. Porque?

Até agora, a criação de uma sociedade socialista estava, para o *Manifesto*, condicionada à criação de um Estado proletário democrático baseado no sufrágio universal ou, para as *Lutas de classes na França*, à criação de um Estado ditatorial. A aprovação do trabalho da Comuna corresponde assim a uma completa inversão do ponto de vista sobre a questão do poder, ao abandono do ponto de vista centralista e à adesão às teses de Proudhon e Bakunin, segundo as quais as condições prévias para o estabelecimento do socialismo são a destruição do aparelho de Estado e o estabelecimento de uma estrutura política descentralizada, à qual o federalismo assegura a coesão global. Isto não tem nada a ver com o projecto marxista.

Bakunin define a Comuna como uma “negação histórica do Estado” [*Écrit contre Marx*, Oeuvres, Champ libre, III, 213]. A insurreição comunista em Paris, escreve, inaugurou a revolução social; a sua importância não reside nas “tentativas muito fracas que teve oportunidade e tempo para fazer”, mas nas ideias que suscitou, “a luz brilhante que lançou sobre a verdadeira natureza e objectivo da revolução, as esperanças que despertou em todo o lado e, portanto, a forte comoção que produziu entre as massas populares de todos os países”.

(...)

Antes da Comuna, Marx temia sobretudo que os Franceses se levantassem, porque corria o risco de repetir o que tinha acontecido em 1792: uma insurreição em massa do povo tinha repellido os exércitos europeus que se tinham unidos contra a revolução.

Porquê tanto medo?

1. Porque uma vitória prussiana conduziria a vantagens estratégicas para o movimento operário alemão, à constituição de uma Alemanha unificada e centralizada. “Os Franceses precisam de uma tarefa. Se os Prussianos forem vitoriosos, a centralização do poder estatal ajudará a centralizar a classe trabalhadora alemã.” [Carta de Marx a Engels, 20 de Julho de 1870].

2. Porque uma vitória alemã garantirá a preponderância da classe trabalhadora alemã: “A preponderância alemã irá, além disso, transformar o centro de gravidade do movimento operário na Europa Ocidental da França para a Alemanha; e basta comparar o movimento em ambos os países desde 1866 até ao presente para ver que a classe trabalhadora alemã é superior à

francesa, tanto em teoria como em termos organizacionais. A preponderância, na cena mundial, do proletariado alemão sobre o proletariado francês seria ao mesmo tempo a preponderância da nossa teoria sobre a de Proudhon.” [Carta de Marx a Engels, 20 de Julho de 1870].

3. Porque atrasaria a unificação alemã: a Alemanha “ficaria arruinada durante anos, ou mesmo gerações. Já não se poderia falar de um movimento operário independente na Alemanha, uma vez que a reivindicação da existência nacional absorveria todas as energias” (*ibidem*). Engels escreve a Marx em 15 de Agosto de 1870: “Seria absurdo (...) fazer do anti-Bismarckismo o único princípio orientador da nossa política. Em primeiro lugar – e especialmente em 1866 – Bismarck não realizou até agora parte do nosso trabalho, à sua maneira e sem querer, mas realizando tudo na mesma?”

Depois da Comuna, Marx seguiu na direcção dos acontecimentos porque não podia fazer o contrário, mas também porque tencionava reunir à sua causa os exilados da Comuna em Londres.

(...)

O *Estado e a Revolução* desempenha na mitologia leniniana o mesmo papel que a *Guerra Civil na França*. Além disso, Lenin cita praticamente nada mais do que *A Guerra Civil na França*.

É um destino curioso que Marx, como Lenin, confrontado com uma revolução, tenha sido obrigado a disfarçar o seu pensamento num sentido libertário para ir (temporariamente, é verdade) na direcção da história...

É evidente que as posições expressas por Marx em *A Guerra Civil na França* não correspondem de forma alguma ao seu pensamento, que é uma obra oportunista que só pode ser uma referência para aqueles que querem distorcer o verdadeiro pensamento de Marx e que querem dar-lhe uma coloração “anarquista”.

No entanto, os marxistas continuarão a referir-se à Comuna. Engels vai mesmo afundar-se na inconsequência mais total: enquanto em 1850 se prevê uma ditadura centralizada sem representação popular, em 1891, no prefácio da edição alemã da *Guerra Civil na França*, a Comuna é apresentada como “a forma acabada da ditadura do proletariado”; mas *no mesmo ano*, na sua “Crítica do programa Erfurt”, escreve: “Uma coisa é certa, é que o nosso partido e a classe trabalhadora só podem alcançar o domínio sob a forma da república democrática. Esta última é mesmo a forma específica da ditadura do proletariado, como mostrou a Grande Revolução Francesa” [Marx-Engels, *Critiques des programmes de Gotha et d’Erfurt*, Editions sociales, p. 103].

**8 de Dezembro de 2012**

<http://forum.anarchiste.free.fr/viewtopic.php?f=6&t=8318&start=60&st=0&sk=t&sd=a>

Existe, na minha opinião, um contra-senso sobre o *Estado e à Revolução* no movimento libertário, porque o contexto histórico não foi tido em conta. Há também um contra-senso sobre a *Guerra Civil na França* de Marx, por muitas das mesmas razões.

Marx e Lenin foram confrontados com uma situação revolucionária (a Comuna de Paris para o primeiro, a Revolução Russa para o segundo) que não era de todo como eles tinham pensado que seria, o que não se enquadrava de todo nos esquemas que tinham em mente.

A recuperação dos temas anarquistas contidos na *Guerra Civil na França* foi denunciada pelo próprio Bakunin. É um trabalho em que Marx descreve a Comuna assumindo o ponto de vista federalista, ao passo que ele *detestava* o federalismo. O efeito da Comuna, diz Bakunin,

“...era tão formidável em todo o lado, que os próprios marxistas, cujas ideias tinham sido derrubadas por esta insurreição, foram obrigados a tirar os chapéus à sua frente. Fizeram muito mais: numa inversão da lógica mais simples e dos seus verdadeiros sentimentos, proclamaram que o seu programa e o seu objectivo eram os seus próprios. Foi uma farsa que foi verdadeiramente bufão, mas forçada. Tiveram de o fazer, senão teriam sido esmagados e abandonados por todos, tão poderosa tinha sido a paixão que esta revolução tinha provocado em todos.”  
[Bakounine, Oeuvres, Champ libre, III, p. 166.]

Encontramos o mesmo processo durante a revolução russa, com *O Estado e a Revolução* de Lenin, que se diz conter o auge da teoria marxista da decadência do Estado, mas que é uma bagunça confusa feita de inúmeras citações, especialmente de Engels, de facto.

*O Estado e a Revolução* está escrito em Agosto-Setembro de 1917: nesta altura, o movimento operário russo deixou de contar com socialistas moderados, havia uma grande agitação revolucionária, as estruturas de base como os comités de fábrica aumentavam as expropriações.

Lenin insistiu fortemente que o partido devia tomar o poder através de uma insurreição, apesar de quase todos os líderes do partido se lhe oporem. O movimento anarquista e anarco-sindicalista estava na linha da frente da luta revolucionária, tinham cada vez mais o ouvido das massas e eram uma força a ter em conta. Mas, sobretudo, a inflexão dos acontecimentos, com ou sem os libertários, confirmou, nesta fase da revolução, as análises libertárias relativas ao estabelecimento de organizações de base federadas que substituem o Estado. Deve salientar-se que esta evolução não foi

necessariamente consequência da actividade dos libertários, mas sim um fenómeno natural da classe operária.

Por isso Lenin tentou reformular uma doutrina marxista do Estado, referindo-se incansavelmente ao único texto de Marx que o poderia ajudar nesta tarefa, *A Guerra Civil na França*.

Em *O Estado e a Revolução*, Lenin ataca a social-democracia, que contestou a possibilidade de uma revolução proletária num país onde os trabalhadores representam apenas 3% da população. Quer, portanto, mostrar que é possível uma revolução proletária e, para isso, recupera certos temas anarquistas, não para afirmar uma proximidade entre as suas opiniões e as dos anarquistas, mas para mostrar que o ponto de vista anarquista não tem validade porque lhe falta a afirmação do centralismo e da ditadura do proletariado. *O Estado e a Revolução* é de facto um livro profundamente anti-anarquista, e é muito curioso que alguns libertários tenham pensado que poderia ter havido alguma proximidade entre as suas opiniões e as de Lenin.

Para apoiar o seu ponto de vista, Lenin refere-se frequentemente à *Guerra Civil na França*, o único livro em que Marx fala vagamente do declínio do Estado, mas verificar-se-á que Marx não acreditou numa palavra do que ele disse. *A Guerra Civil na França* é, de facto, um trabalho perfeitamente oportunista.

Há uma maneira muito simples de conhecer o que Marx estava realmente a pensar. De facto, ele tinha escrito este livro para tentar atrair a si próprio os muitos combatentes da Comuna de Paris que ils étaient réfugiés refugiados em Londres, e estava furioso por o seu plano não ter funcionado. Basta fazer referência a uma carta que escreveu ao seu amigo Sorge: “E esta é a minha recompensa por perder quase cinco meses a trabalhar para os refugiados, e salvar a sua honra, ao publicar a *Guerra Civil na França*.” [Carta de Marx a Sorge, 9 de Novembro de 1871].

Então Marx “salvou a honra” dos combatentes da Comune ao escrever este livro...

*A Guerra Civil na França* serviu muito para tentar dar ao marxismo um carácter vagamente libertário – desafiando tudo o que o seu autor poderia ter escrito antes e depois da Comuna. Este livro serviu incidentalmente como um manifesto libertário para os marxistas que queriam adornar a fachada da sua doutrina. A carta a Sorge revela a realidade do que Marx pensava.

Um marxista perfeitamente “ortodoxo” como Franz Mehring observa, sobre a *Guerra Civil na França*, na sua *Vida de Karl Marx*:

“Por mais brilhantes que fossem estas análises, estavam, no entanto, ligeiramente em desacordo com as ideias defendidas por Marx e Engels durante um quarto de século e já apresentadas no *Manifesto Comunista*. (...) O elogio que o

discurso do Conselho Geral dirigiu à Comuna de Paris por ter começado a destruir radicalmente o Estado parasita foi difícil de conciliar com esta última concepção. (...) É fácil compreender porque é que os apoiantes de Bakunin podiam facilmente utilizar o discurso do Conselho Geral à sua maneira. O próprio Bakunin considerou cómico que Marx, cujas ideias tinham sido completamente derrubadas pela Comuna, fosse obrigado, contra toda a lógica [sublinho], a saudá-la e a adoptar o seu programa e objectivos.” [Franz Mehring, *Karl Marx, Histoire de sa vie, Éditions sociales*, p. 504].

A conclusão que daí se pode tirar é que nem a *Guerra Civil na França* nem *O Estado e a Revolução* podem ser levados a sério e não podem ser tidos em conta numa análise das posições marxistas sobre o Estado.

## Table des matières

Sobre <i>A Guerra Civil na França</i> .....	1
e sobre.....	1
O Estado e a Revolução.....	1
Excerto de um debate publicado sobre o “Forum Anarchiste” da Federação anarquista da francófona, 2011-2012.....	1
3 de Março de 2011.....	1
8 de Dezembro de 2012.....	3